

A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e outras que lhe são correlativas

Orgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Director e redactor principal: MANUEL GOMES DA SILVA — Sub-director: ALFREDO CARVALHAL

Assignaturas	
Por series de 6 ou 12 num. (cada n.º)	30 réis
Provincias, idem.....	40 "
Estrangeiro e Colonias, idem.....	50 "
Brazil, idem.....	60 "

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa de S. Nicolau — 12, 2.º-D.

Annuncios	
Cada linha	20 réis
Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.	

Os tratados de commercio

O GOVERNO promettera não negociar novos tratados de commercio, sem ouvir as associações industriaes. Como de costume, foi esquecida a promessa.

A Inglaterra ordenou a entrada no Tejo de uma esquadra, para saudar Portugal e agradecer a concessão de um tratado, que, sem duvida, lhe é vantajoso. Que promessas fez ella para obter maiores favores em prejuizo d'esta nação, sempre ferida em tratados anteriores?! A Hespanha exulta, porque as concessões obtidas de Portugal lhe são bastante vantajosas no tratado negociado, tambem como aquelle outro em conferencias secretas!

Tratados de commercio, taes, ainda não sendo conhecidos, já inquietam os que se interessam pelo trabalho nacional, todos quantos mais prezam o bem do seu paiz, do que obedecer e ceder ás intimações, ás pressões e ás conveniencias alheias.

Não occultamos a nossa desconfiança, o nosso receio, de que taes tratados não merecerão o apoio da opinião publica.

Por falta de espaço não podemos hoje dizer mais sobre o assumpto.

Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Assembléa geral

Na noite de 20 de outubro, presidindo o sr. Gomes da Silva, secretariado pelo sr. Alfredo Carvalho e Quirino Rosa, e estando presentes 20 socios, foi pelas dez horas e meia da noite aberta a sessão.

Approvada a acta da sessão de 30 de setembro, foi novamente lida a proposta assignada pelos srs. Climaco, Coimbra, Raposo, Pires, Carvalho, Pompilio, Victor Gomes, e Santos Lima, já apresentada e lida em sessão de 26 de setembro, para que a quota seja reduzida a 200 réis, e dispensada a joia.

Esta proposta foi enviada á direcção para emitir o seu parecer, e sendo presente n'esta sessão, por ella foi dito que aceitava a diminuição da quota, não como deliberação definitiva, mas sim temporariamente, até se poder avaliar dos seus resultados.

A assembléa annuindo sobre a proposta ás explicações do sr. director Fernandes, que antevia bom exito, pela admissão de novos collegas, que ainda não eram socios, pela quota estatuida ser elevada; e consultada a assembléa pelo sr. presidente se aceitava a redução de quota a 200 réis, mas não como alteração do artigo 9.º dos estatutos, foi approvada por unanimidade, bem como a eliminação da joia.

O sr. Manuel Pires ainda usou da palavra sobre a questão dos feitos pagos, pelo bispontado, e pela solarria; dos preços actuaes das materias primas; e dos preços das vendas, e exigencias do freguez em querer barato.

O sr. Gomes da Silva disse que eram questões de muito estudo, e proprias para reunião especial, em que se trate da actual situação da sapataria.

Sendo 12 horas da noite foi encerrada a sessão.

O anniversario de 17 de outubro

As festas do trabalho tem o tom alegre de satisfação, pelo agrupamento de collegas e amigos, que esquecendo por algumas horas os labores da officina, e os cuidados do balcão, veem com entusiasmo e de coração felicitarem-se por ser decorrido mais um anno de vida, e de serviços, e por serem coroados de bons resultados os seus desejos e esforços.

Maior ainda o jubilo do nosso coração quando a festa, os serviços, são em favor da collectividade; quando os beneficios e os trabalhos visam a engrandecer a Associação. Assim tem sido, e assim foi no dia 17 de outubro, 3.º anniversario da fundação da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, em que collegas e amigos se reuniram em fraternal festa na sede da Associação, e ahi se discursou sobre os principios associativos, as vantagens da agremiação, e os beneficios colhidos durante os tres annos de vida, e de trabalho.

Se toda a classe podesse assistir á festa, ver a franca animação, e o desprezencioso convívio, se compulsasse os livros e documentos, analisasse a escripturação e os balanços, e verificasse as existencias de fazendas em armazem, se conhecesse de perto quaes as vantagens e resultados que a cooperativa tem dado aos socios, com franqueza que tomavam parte na futura festa do quarto anniversario.

Esta, á que assistimos, correu animada, e ainda mais, por ser collocado na sala das sessões o quadro photographico do grupo da commissão installadora.

Ao fim de tres annos não esqueceram o seu logar, e com a consciencia do dever, vieram patentear perante os collegas, que ainda os domina a vontade de trabalhar e bem servir a associação.

Os srs. Gomes da Silva, Fernandes, Carvalho, Climaco, Raposo Junior, Souto e Coimbra, que foram a commissão installadora, e os srs. Luiz J. Nunes, Joaquim Antonio Alves, Julião Raposo, Santos Lima, Possidonio, Salles, Pompilio Pebre, Casimiro Fernandes, Manoel Pires, João A. Brito, Ferreira da Silva, e João Arriaga, socios fundadores, e os consocios F. Cordeiro, e Areal Fernandes, foram os socios que vieram animar a festa, e os convivas á ceia que foi servida na sala das sessões.

Emquanto aos brindes, o espaço não permite descrever todos mas direi os que intimos foram. A prosperidade da Associação; á Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado; aos socios incansaveis nos serviços da Associação; do sr. Fernandes ao sr. Gomes da Silva, pela sua boa dirigencia; do sr. Possidonio ao sr. Climaco pelo zelo e cuidadoso trabalho; do sr. Julião Raposo a seu hom tio, o sr. Raposo Junior; e em particular um especial ao sr. Fernandes Junior pelo seu anniversario tambem no mesmo dia.

A animação correu paralella com a discussão, e com convicção se acentuou a ideia de fazer propaganda, e buscar adhesões para a nossa Associação.

A. C.

Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

Balancete em 30 de Setembro de 1892

ACTIVO

Socios	1:151,5000
Caixa	110,5445
Monte-pio Geral.....	900,5000
Fazendas Geraes.....	2:110,5315
Devedores.....	1:514,5040
Gastos Geraes.....	154,5155
Gastos de installação.....	60,5000
Moveis e utensilios.....	19,5050
Réis.....	5:790,5005

PASSIVO

Fundo de garantia.....	3:429,000
Fundo de reserva.....	70,000
Fundo fluctuante.....	112,145
Capital a realisar.....	1:151,000
Juros de Capital (anno de 1891).....	3,405
Bonus de 1891.....	6,740
Credores.....	1:118,010
Juros.....	8,805
Reis.....	5:709,005

Irmandade de S. Crispim

A festa dos nossos santos

Com a assistencia da maioria dos mezarios da irmandade de S. Crispim, S. Crispinianno e Nossa Senhora do Parto, acompanhados de grande numero de irmãos e collegas, que compareceram na ermida da rua de S. Mamede, se realizou no dia 30 do outubro a festa dos santos que se dedicaram, enquanto profanos, ao mister de sapateiro, e que esta classe tomou por seus patronos para interceder por elles perante o seu augusto e divino chefe.

No recinto da ermida a ornamentação em velludos e damascos não era superior á da ultima festividade, que essa falta não tirava luzimento á festa, não fazia esquecer a prece ao bom Deus, não deixava de se venerar S. Crispim e S. Crispinianno e agradecer-lhes a sua intercessão.

Era mais singela, mas alegre pela profusão de flores que atapetavam as capellas, ornavam os altares; e pela exuberancia da verdura que engrinaldava as columnas e revestia as paredes; respirava-se mais poesia, animava-se a creença de que no coração humano ha religião e amor, para a sociedade ser completa e existir; religião que resume a immensa Natureza, que ahí se ostentava no colorido e perfume das flores, no brilho e calor do vivificante sol; amor que é a sua mais bella e inspirada manifestação, e que se presentia como brisa suave ao olharmos as piedosas e formosas damas, rostos gentis, almas que consideramos castas e insulladas do que é bom e puro, e que vieram assistir á nossa festa, fazer córo ás preces, com a intuição de um dever e bom exemplo.

O perfume das flores misturando-se com o aroma do incenso, que em espiraes rolavam no recinto da alegre ermida, a sonoridade dos canticos, e o som festivo da musica, predispunham o espirito a esquecer as amarguras da vida, lembrando que ha um Deus a adorar, e que a sua invocação é um balsamo a muito sofrimento, e assim o demonstrou na sua elevada oração, e conceituoso phraseado, o reverendo Domingos Nogueira em que exaltou a religião do crucificado, e a sua preponderancia, pela fé e perseverança de seus fundadores.

Emfim, a classe que conta em seu seio bastantes individuos de sinceras convicções sociais e religiosas, concorreu com os seus donativos para que a festa se realisasse com solemnidade, justificando a necessidade de conservar esse padrão de creença e fé, o legado de nossos antepassados.

A. C.

Secção Industrial

As vitellas pretas nacionaes

Não pode ser contestada a nossa dedicação pelo melhoramento da industria nacional de cortumes, porque está escripto bastante e havemos dito não pouco defendendo a conveniencia para o paiz de contrariar a grande importação que se chegou a fazer de pelles preparadas, provenientes das fabricas allemãs e francezas. Na ausencia do maior numero dos cortidores, nos occupámos expontaneamente dos seus interesses, sem pertencer a esta classe, quando se discutia o projecto da nova pauta.

Acompanhámos, louvando e dando-lhes publicidade, os primeiros actos d'este ramo industrial, principalmente na preparação das vitellas pretas engraxadas. Chamámos por diversos modos a attenção dos fabricantes de calçado. Infilmos para que a *Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado* fosse dos primeiros compradores das vitellas preparadas pelas duas novas fabricas de Braga e Lisboa.

Sem perder da idéa o nosso constante cuidado pelo trabalho nacional, especialmente em ramo que mais nos pode interessar, procuramos sempre colher informações que nos animem, esclarecimentos que nos auxiliem na defeza contra apreciações erradas e immerecidas, e contra noticias desanimadoras. Reparámos que os mais interessados em acreditarem a sua obra, e em destruir boa-

tos desfavoraveis, se obstinam em guardar silencio e nos negar esclarecimentos, fugindo de aproveitar as vantagens da publicidade no nosso jornal, e a sua favoravel disposição.

Appareceram no mercado vitellas pretas do sr. Souto Mayor, de Braga; do sr. Schmidt, do Porto; do sr. Godinho, da Cruz Quebrada; da fabrica Esperança, de Lisboa. Esta principalmente, annunciara fornecimento grande e de boa qualidade, que nos fazia esperar que a importação estrangeira iria declinar extraordinariamente.

Passam-se alguns mezes sem se offerecerem as vitellas nacionaes, e onde se encontram agora algumas, não estão nas condições que o mercado de Lisboa possa aceitar. A nossa *Cooperativa* não tem a honra de ser visitada pelo fabricante nacional para lhe fornecer este genero, e ao contrario são ainda os representantes de fabricas que funcionam muito mais longe, no estrangeiro, que lhe fazem propostas e instam por transacções. Aproveitando o esfriamento dos nacionaes, notamos com desgosto, que é ainda o estrangeiro que não cessa de promover a collocação dos seus productos, e que acaba de abrir em Lisboa um importante deposito de vitellas pretas, pellicas e polimentos. A actividade do estrangeiro distingue-se, a acção do capital barato estrangeiro produz resultados mais rapidos.

Em nome dos seus proprios interesses esperamos que os sr. cortidores portuguezes se dignem fazer conhecidas as suas disposições.

Podemos ou não contar que teremos vitellas pretas nacionaes, em quantidade e principalmente em qualidade, que nos liberte da dependencia estrangeira?

Podemos ter esperança de consumir pellicas e polimentos preparados no paiz?

Secção Commercial

O negocio em Lisboa

O mez de outubro foi de bastante fraqueza de vendas na sapataria. Numero avultado de officiaes e costureiras continuaram procurando trabalho. Cresce a crise da falta de interesses e de ganhos. O commercio vende pouco. Os consumidores addiam as compras, esperando alguma occasião mais favoravel para acudir ás mais urgentes necessidades. O dinheiro d'aquelles que podem, retrahe-se e esconde-se, recebem qualquer applicação; e se algum se presta a transacções, exige juro elevado. Consta-nos que, particularmente, se pede cinco por cento ao mez, para transacções de letras!

Secção aduaneira

Despachos pelas alfandegas de Lisboa e Porto desde 7 de outubro a 6 de novembro

De Lisboa exportação para a Africa Occidental

S. Vicente.—Manuel Francisco de Oliveira Feijão, 1 sacco com calçado.

Santo Antão.—Veiga & C.^a, calçado—João C. Marques, selins.

S. Nicolau.—Simão Anahory calçado e escovas.

Praia.—G. Graham Jr. & C.^a, calçado—Veiga & C.^a calçado—Tavares & Alves calçado.

Bolama.—J. C. Serra, calçado—Herdeiros de F. J. Ferreira, graxa—Veiga & C.^a, calçado e sola.

S. Thomé.—A. Moraes e Irmão, calçado—Empreza Nacional, calçado—José Antonio Dias Quintas, calçado—José A. Araujo & C.^a, calçado e graxa—C. Levy, calçado—F. J. Ferreira, calçado—Macedo & Coelho, calçado—José Antonio Ferreira & C.^a calçado—Manuel Francisco da Silva, 1 caixa com calçado.

Príncipe.—A. G. Ramallete, calçado—José Carlos de Sousa, calçado.

Zaire.—Augusto Pedro da Silva, 1 mala com calçado.

Loanda.—José Antunes dos Santos & C.^a, 2 malas de calçado—C. Rebello calçado—Veiga & C.^a 1 mala com calçado—José Thomaz de Araujo Couto, calçado e arceios—Manuel Domingos, calçado—J. Cunha e Silva, calçado—Raul de Figueiredo, calçado—F. M. Swart, calçado—C. Rebello, calçado—Empreza Colonisadora Africana, calçado—Victorino José da Rosa, calçado—Joaquim Ribeiro de Carvalho, pelles e calçado—J. S. Melgaço, calçado e pelles—José Maria de Sousa 1 sacco com calçado—Empreza Nacional, calçado.

Benguella.—Narciso F. de Sousa, calçado—José Rodrigues Pires 1 mala com calçado—Ferreira Marques & Fonseca, sapatos—Augusto O. Soares, calçado—Manuel F. Carreira, cabedal—Bensaude & C.^a 1 caixa com arceios.

Mossamedes.—Manuel da Silva 3 sacos com calçado—Narcizo F. de Sousa 1 caixa com calçado.

De Lisboa reexportação para a Africa Occidental

Loanda.—Victorino José da Roza, calçado.

De Lisboa exportação para a Africa Oriental

Beira.—J. C. Freitas, 1 caixa com calçado.

Lourenço Marques.—O. Hoffmann, calçado e arreios.

De Lisboa exportação para o estrangeiro

Rio de Janeiro.—Quartin & Quartin, 1 caixa com pelles—João Caminha, 1 caixa com calçado.

Pernambuco.—A. Malbouisson, 1 caixa com pelles.

Pará.—José Pedro Caetano da Silva, 1 caixa com calçado.

Manaus.—A. J. Gomes, 1 caixa com calçado.

Liverpool.—Almeida & Irmão, 100 couros verdes.

Cape Town.—Domingos Pinto, calçado.

Do Porto exportação para o estrangeiro

Rio de Janeiro.—J. Baptista, 1 caixa com sapatos de trança.

Bristol.—John Cassels & C., 502 couros secos.

Reforma da pauta

No *Diario do Governo*, de 9 do corrente foi publicado o decreto que nomeou uma grande comissão, presidida pelo sr. Marianno de Carvalho, composta de diversos funcionarios das alfandegas, e de representantes das associações commerciaes, agricolas e industriaes, a qual installada no dia 13, apreciará as reclamações, que se apresentarem sobre os actuaes direitos da pauta.

O secretario, que é o sr. conselheiro chefe da estatistica aduaneira, é incumbido de receber essas reclamações.

Observaremos que a pauta vigente foi bastante estudada pelo conselho superior das alfandegas, pelas associações, pelo parlamento; teve a maxima publicidade o projecto, como raro é fazer-se por parte do governo, e afinal ainda se diz carecer de emenda, como se ha de dizer sempre de quantas reformas se realisarem; por que nenhuma contentará a todos, nenhuma satisfará a todos os interesses oppostos que ella naturalmente affecta. E' proteccionista, e tanto basta para descontentar os que promovem e lucram com a importação dos artigos das industrias estrangeiras. A diminuição dos rendimentos alfandegarios, principalmente, tem sido fundamento para clamar contra a pauta, que onerou a importação, e que deu azo a pensar-se finalmente em procurar servir o consumo com obra nacional, a qual não se produz de um dia para outro, nem facilmente emquanto existirem fortes embarcações, como seja entre outros a repugnancia do capital em se dedicar á nobre e patriótica tarefa do trabalho, capital habituado a preferir o agio e a usura que permitem as circumstancias apertadas do Estado, e os apuros financeiros de todos quantos (e são numeravéis) carecem de dinheiro para promover trabalhos em todos os ramos do commercio, agricultura e industria.

Na imprensa, o *Diario de Noticias* e o *Economista*, mais do que outros jornaes se não distinguem em advogar o commercio que se habituou a viver do negocio que mais convém ás industrias extranhas. A corrente que leva para fóra todo o ouro que ainda possuímos parece não amedrontar os egoistas que só pensam nos interesses particulares. O interesse geral exige promover antes o crescimento da exportação, leval-a a ponto de se equilibrar com a importação. Uma comissão que o governo nomeasse para procurar attingir este resultado ser-nos-hia mais sympathica.

Desconfiados como desde dezenas de annos estamos, porque os factos nos dão razão, de que n'este paiz os interesses estrangeiros tem mais protectores do que os nacionaes, receíamos da nomeação d'esta comissão, na qual aliás se encontram defensores do trabalho nacional a par de outros que lhe são adversos, e se os pareceres todos a favor e contra serão levados ao conhecimento do governo, é d'este que mais tememos, porque desde muito se habituou a querer dinheiro, sem olhar ao custo e ao prejuizo que algum occasiona á economia nacional.

E agora que a alfandega rendeu mais no ultimo mez, por que se importou trigo, se com isso se satisfazem, lembrem-se que semelhante augmento de receita é uma fatalidade para o paiz, porque não tem pão para si, e o peor é que não sabe, não quer ou não lhe deixam ganhar para o adquirir.

Não contestaremos que a pauta não foi obra perfeita, uns faziam outros desfaziam, nem todas as boas razões foram attendidas, oxalá que as intenções do governo não sejam voltar a traz para continuar a fatal inundação do mercado de mercadorias estrangeiras, que arrastaram á miseria tantos individuos que para viverem precisam trabalhar e não sabem como conseguil-o! Anímae o trabalho primeiro que tudo, porque se os consumidores

são pobres ou quasi pobres, como hão de desenvolver o commercio? Que importa que os armazens se encham de artigos estrangeiros se os compradores estiverem retrahidos porque não podem compral-os. Já hoje succede, só se compra o que mais indispensavel é, até se foge á comida, que o digam os vendedores de generos alimenticios.

A este estado de decadencia e de miseria é que cumpre acudir urgentemente, e só o trabalho nacional lhe valerá.

Os fabricantes de calçado, industriaes e chefes de officinas do artigo, teem que observar sobre algumas taxas da pauta mas a nossa opinião individual foi e é que o correctivo está na negociação dos tratados de commercio, ceder perante concessões valiosas em favor da nossa agricultura.

Secção de Estatistica

Importação de calçado

		1891	1892
Janeiro.....	Pares	926	5:410
Fevereiro a Abril.....	»	2:869	647
Maió.....	»	1:379	168
	»	<u>5:174</u>	<u>6:225</u>

O calçado de caout-chou é importado em pequena escala; ha porém, consumidores que o não dispensam, mesmo caro.

Exportação de calçado

		1891	1892
Janeiro a Abril.....	Pares	28:672	29:137
Maió.....	»	5:711	4:120
	»	<u>34:383</u>	<u>33:257</u>

Continúa inferior a exportação.

Importação de luvás

		1891	1892
Janeiro a Abril.....	Pares	5:713	2:680
Maió.....	»	2:910	237
	»	<u>8:623</u>	<u>2:917</u>

Importação de pelles em brato

Janeiro a Maio de 1891.....	Kilos	881:665
» " " 1892.....	»	862:802
Diferença a menos.....	»	18:863

Se a sapataria trabalha menos, é natural os cortumes se ressentirem.

Importação de pelles cortidas

		De Janeiro a Maio	
		1891	1892
Atanados e vaquetas.....	Kilos	12:597	10:700
Pellicas sem distincção de côr, ou acabamentoo.....	»	324	136
Pellicas ou couros cortidos de côres amarroquinados, envernizados e marroquins.....	»	26:289	20:922
Pellicas ou couros cortidos não especificados.....	»	48:536	28:946
Pellicas ou couros em obra para adorno pessoal.....	»	36	34
Pellicas ou couros em obra não especificada.....	»	6:706	2:965

Secção colonial

Alfandega de Loanda

Obtivemos uma copia da representação que em data de 7 de outubro touo o pessoal da alfandega de Loanda, dirigiu a el-rei, queixando-se da exiguidade e desproporção dos ordenados, e principalmente de certas phrases do relatório que justifica o decreto da 24 de agosto, publicado no *Diario do Governo* n.º 189. O caracter honesto e e recto proceder do director d'esta alfandega,

o ex.^{mo} sr. Hermenegildo Augusto Pereira Rodrigues, são garantia de que os seus subalternos não podem faltar ao exacto cumprimento dos seus deveres como fiscaes de confiança da fazenda publica. Reservamos para outro numero d'este jornal, fazer outras considerações que a leitura da representação nos suggere.

E por hoje concluiremos que achamos muito digna de ser tomada em consideração a representação, a qual recomendamos ao ex.^{mo} sr. ministro da marinha. Os bons empregados do ultramar merecem ser bem recompensados para não succederem os abusos a que se referiu o relatorio.

Secção de Correaria

Da educação profissional

I

Se existe assumpto que modernamente tenha chamado a attenção dos mais fecundos cerebros, é certamente a educação, aquelle que está occupando um logar mais evidenciador.

Nada na verdade de mais generoso e mais digno de interesse, do que a actividade d'uma geração que se entrega a apostolizar a elevação e o aperfeiçoamento, que immediatamente se lhe seguem.

Dizia Archimedes; dai-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo, imitando o grande geometra, Leibnitz o eminente sabio cujo nome honrará eternamente a humanidade culta, que pronunciou esta bella phrase: dai-me a educação e eu mudarei a face da Europa dentro d'um seculo.

Esta synthese formosissima do nobre pensamento, quando rigorosamente analysada apresenta ao exame subtil, duvidas que é impossivel desconhecer, não deixando todavia de demonstrar uma lei tendencial, para a qual directamente devemos caminhar.

Existe em cada um de nós um dualismo tão forte, tão accentuado, que toda a vez que nos encontrámos em frente de um ser, cuja educação nos é confiada, não podemos por fórma alguma esquecer as leis immutaveis que regem a consciencia individual de cada ente humano. Observaremos primeiramente que cada creança que entra no mundo, traz ao nascer a herança mental que lhe é legada pelo passado dos seus progenitores.

Exemplifiquemos:

Supunhamos que nos é entregue uma infeliz creatura, cujos paes procuravam na embriaguez e nos desregramentos, a satisfação para os seus baixos gosos; desde que um mestre tem conhecimento d'esta miseravel descendencia, a humanidade e o bom criterio, impõe-lhe o dever de empregar para com essa victima de faltas, de que é irresponsavel, todos os meios persuasivos, applicando a cada uma das suas faltas o conselho brando e suave, a fim de não sobreexcitar as suas faculdades mentaes já de si tão alteradas. Que se dê o caso contrario; que a creança tenha recebido a vida de paes morigerados e a elaboração educativa será menos laboriosa.

Em qualquer dos dois casos porém, o que é innegavel, é que o educador, por mais firme e energica que seja a sua vontade, nunca poderá equalisar dois caracteres, concebidos em situações tão differentes e portanto, em absoluta divergencia.

Devemos porém, tomar em linha de conta, a relação do esforço empregado para com elles, notando que se a igualação não é perfeita, ter-se-ha comtudo no fim de laboriosa energia, modificado para o caminho do bem, um espirito mais ou menos enfermo, que, quando entregue a si proprio, depressa abriria ante si um abysmo profundo, onde em breve iria naufragar, logo que fosse chegada a hora de iniciar a dolorosa e incerta viagem da vida. Estas noções que são geralmente generalidades, demandam comtudo mais rigorosa observancia na educação do apprendizado.

É de todos conhecido que na maioria dos casos o apprendiz que se destina a exercer uma arte qualquer, raras vezes deixa de trazer a consciencia poluida pela camaradagem dos seus camaradas de infancia e triste é confessal-o, casos ha em que na propria familia recebeu pelo exemplo, os primeiros germens da perversão.

Assim preparado elle entra para um meio, onde se encontra, rodeado de homens que lhe são estranhos e se muitos existem moderados e escrupulosos outros ha que, dando liberdade a uma linguagem fresca e inconveniente, completam o mal que fóra da officina havia tido principio.

É aos mestres que incumbe o mais restricto dever de evitar, quanto possam este prematuro envenenamento, de uma consciencia que desabrocha.

Desde que principia a entregar-se ao apprendiz as primeiras noções da arte, importa seguir escrupulosamente as mais ligeiras minudencias, da perfeição artistica a fim de que elle não principie a adquirir defeitos habituaes, que quando inveterados são impossiveis de extinguir.

Depois d'isto á medida que o grau de conhecimento se evoluciona, são necessarias explicações repetidas, não só sobre cada arte-

facto que confecciona, mas como tambem das materias que a compõe, da sua applicação, dos prejuizos que podem resultar dos seus defeitos e enfim de tudo que diga respeito ao fim social a que se destina.

Tudo isto porém, quando se procura obter um bom operario é ainda bem insufficiente, os conhecimentos litterarios ainda que elementares são de primeira necessidade; depois d'elles, são de uma utilidade essencial, ligeiras noções de arithmetica, geometria, desenho de ornato, não sendo mesmo inutil um pequeno esboço, sobre applicações de chimica.

Mas dir-se-hia, como é possivel ao iniciado, cujo desenvolvimento organico demanda a agilidade dos seus verdes annos, entregar-se ao estudo após 10 ou 12 horas de officina?

Estamos perfeitamente de accordo; um corpo fatigado oblitera o espirito e embora hajam os mais impulsivos desejos de aprender, o cerebro nega-se a receber e assimilar as ideas e impressões que os livros lhe transmittem. Não é porém isto um mal a que não se possa pôr termo, obviando até com extrema facilidade logo que n'isso seja reconhecido o proveito que de tal medida resulta.

Immediatamente que os mestres reconheçam, quando lhe pôde advir de lucrativo com a aquisição de operarios regularmente instruidos, estamos certos que poriam de lado o mal comprehendido egoismo, sacrificando algumas horas do dia ao aperfeiçoamento intellectual dos seus educandos.

Taes são por agora as considerações que se nos offerecem á mente sobre um assumpto tão vasto e tão cheio de ensinamentos, reservando para breve tratar muito especialmente do methodo educativo do apprendizado na correaria.

Apontamentos para a historia dos couros e das pelles em geral

(Continuação)

Acabamos de ver qual a influencia que a pelle tem representado nas phases variadissimas porque a humanidade tem passado na sua peregrinação dolorosa, atravez da interminavel estrada que tão lentamente nós vae conduzindo ao almejado porto da perfeitabilidade.

Vejamos agora o que vem a ser esse elemento tão util e de tão variadas applicações e que, sendo tão facilmente alteravel e tão accessivel a putrefacção, se transforma n'um producto flexivel, impermeavel e resistente.

Physiologicamente considerada, a pelle representa sobre o corpo de cada animal que reveste a sede de elementos nervosos, geralmente chamados corpusculos do tacto e que existem espalhados sobre toda a superficie, a fim de os prevenir dos perigos exteriores, igualmente contém canaes sanguineos de natureza elastica, que se dilatam ou contraem em harmonia com as funções que executam.

É do affluxo sangue para esses canaes que resulta o augmento de calor e como directa consequencia, torna-se assim o principal agente da colorificação, tendo porém a lutar contra a acção excessiva do calor; a pelle verte por glandulas especies um liquido que geralmente se denomina suor e cuja evaporação tem por fim moderar a elevação da temperatura, representando ainda um outro papel, que é o de arrastar para fóra do corpo venenos numerosos e variados e quasi que identicos, aos que são contidos no liquido urinario.

Em condições ordinarias ou mesmo debaixo dos mais intensos frios existe sempre á superficie da pelle um certo grau de humidade que em geral é invisivel, porque pela acção do ar exterior, evapora-se e desaparece rapidamente, mesmo quando se encontra resguardada pelo nosso vestuario.

Quando encaramos a pelle ligeira e superficialmente, encontramos-a como que formando um todo homogeneo e compacto, submettendo-a porém a um exame directo, nós vemos que em realidade a sua estrutura se encontra dividida em duas partes perfeitamente distinctas e a que se chamam em anatomia *epiderme* e *derme*.

A primeira d'estas partes é absolutament desprovida de sangue e de nervos podendo mesmo ser encarada como uma secreção da segunda visto que d'ahi deriva a sua constante renovação, a qual é igualmente destruida pela parte superior em vista da acção de agentes externos.

A derme é composta de fibras entrelaçadas formando um tecido apertado e elastico, é n'ella que residem as arterias, as veias, os nervos e os vasos lymphaticos, sendo igualmente o lugar onde se localisa o pigmento que determina a cor das varias racas humanas, assim como de muitos animaes desprovidos de pello.

E já que fallamos de pello observaremos que este é uma producção directa da epiderme onde nasce, prolongando-se até á derme onde recebe a sua influencia vivificadora.

Cada pello compõe-se de uma substancia que constitue a sua base fundamental, sendo esta de natureza dura, elastica e hygrometrica, propriedade aliás commum a outros corpos e pelos quaes se determina o grau de humidade da atmosphera.

A estrutura do pello varia tambem não só entre diversos animaes, como até na propria especie humana, não sendo mesmo este um dos caracteres de menor importancia, quando se trate de fixar rigorosamente qual a raça a que pertence um determinado habitante do globo.

Vulgarmente é mesmo bem conhecida, a differença que vai desde o cabelo lãoso, do negro, até ao fino e assetinado que é tão particular aos povos da raça branca.

(Continúa)

Adaptação das coalheiras

O ajustamento das coalheiras aos cavallos é um dos pontos mais importantes e que mais cuidado deve merecer ao operario encarregado da manufactura d'este artigo, ou mesmo da sua escolha; quando uma coalheira não assenta bem, produz dores e feridas, que desfiguram o animal, tornando-o inquieto e pouco docil; as boas disposições e a força de tracção dependem, em grande parte, da forma como a coalheira se encontra collocada, e sobretudo dos pontos onde os tirantes são fixados aos ferros.

Uma coalheira sendo pequena estrangula o cavallo, detendo-lhe a respiração logo que lhe aperte a *trachéa-arteria*,¹ caso que se produz amiudadas vezes nos cavallos que arrastam pesados carregamentos.

Comtudo, uma coalheira em demasiado grande é ainda mais defeituosa e prejudicial, e causa maior numero de chagas e esfoladuras.

As coalheiras devem ser feitas de maneira que, quando o cavallo tire, o peso produzido pelos tirantes se projecte sobre toda a superficie do pescoço e do garrote, em lugar de estar concentrado sobre um ponto, ou mesmo mudar a posição da coalheira.

Se o esforço da tracção alcança um só lado da coalheira, esta é obrigada a voltar, e forma um vacuo, que, em virtude das oscillações que produz, traz, como consequencia, escoriações na epiderme.

O grande erro commettido por alguns correeiros é que, quando mesmo depois de terem bem tomado as suas medidas, se preoccupam muito mais a dar ás coalheiras uma forma mais agradável a vista do que em harmonisar-as com as linhas naturaes do pescoço e do garrote do cavallo.

Quando se assenta uma coalheira, não basta ajustal-a ao pescoço e ao garrote d'um cavallo immovel, é preciso submettel-a a um ensaio preliminar, pondo o animal em marcha, isto attendendo a que a forma e dimensões do pescoço se alteram sensivelmente durante o andamento.

Uma coalheira ás vezes parecendo grande para um cavallo em repouso, encontra-se frequentemente o defeito contrario, logo que elle é posto em activo serviço.

A altura em que n'uma coalheira são fixados os tirantes, é tambem, como já antecedentemente vimos, de uma grande importancia.

Quando estes são collocados muito abaixo, a tracção encontra-se sobre a articulação do braço com o *omoplata*,² de maneira que, a cada passo, os tirantes comprimem a parte movel d'esse ponto dos hombros; enquanto que se o cavallo é obrigado a empregar toda a força, os tirantes devem ser fixados em face da parte immovel do *omoplata*.

Em geral, os operarios experimentados conhecem em absoluto estes inconvenientes e os resultados prejudiciaes que d'elles resultam, dirigimo-nos, porém, aos que iniciam a sua carreira artistica, lembrando-lhes ao mesmo tempo que, quando um tal defeito for notado, é util mudar immediatamente os tirantes de lugar, até que se tenha obtido uma posição racional.

(1) Canal, que communica a larynge com os bronchios.
(2) Osso da espadua.

A cavallariça a carruagem e o arreio

NOÇÕES SOBRE O CAVALLO

Ventilação

(Continuação)

As cavallariças bem acondicionadas para cavallos pertencentes ás classes ricas, são em geral muito melhor ventiladas que aquellas, que são occupadas por gado de empresarios ou companhias de viação publica que muitas vezes, não são mais do que uma forma de monturo, onde os animaes se accumulam, não sendo arejadas senão na occasião, em que a porta se abre; se existe uma janella, esta não serve na maioria dos casos senão para estabelecer uma corrente d'ar que affecta o cavallo mais proximo e pôde-se tornar a causa de doenças diversas.

Comtudo, a difficuldade de renovar o ar nas cavallariças mal acondicionadas, não é insobremontavel e todos os proprietarios

de cavallos, deviam ter o cuidado de renovar o ar, tanto quanto possível, o que de resto seria relativamente facil, estabelecendo ao nivel do sobrado, uma abertura, de maneira que o ar fresco desse entrada e em virtude da sua maior densidade, afugentasse o ar quente e viciado pelos ventiladores da parte superior.

E regra geral, as cavallariças fecharem-se á noite tornando a temperatura extremamente elevada; de manhã sae o cavallo para se lhe fazer a limpeza, de forma que, no inverno são expostos ao frio os pobres animaes que tem dispendido do seu proprio corpo, para envenenar a atmosphera, em que estiveram mergulhados, sentindo carencia da necessaria força, para supportar a differença de temperatura, tornando-se-lhe n'um verdadeiro supplicio, os primeiros cuidados prestados ao seu asseo.

A vida d'um cavallo entregue ao serviço publico, é tornada ainda mais dura, porque, privando-o de ar puro e saudavel no curto espaço de tempo destinado ao seu repouso, este mal, é ainda augmentado pela acção d'uma atmosphera pestilenta que corrompe a alimentação, tanto como os seus pulmões, elevando demasiadamente a temperatura do seu systema sanguineo, para subitamente abaixar na occasião da sahida.

As cavallariças, deviam pois, ser conservadas a uma temperatura fresca, tanto de verão como de inverno, de forma que a atmosphera fosse aproximadamente a mesma que a do meio exterior.

(Continúa).

Industria das ferragens para correaria em Portugal

As manufacturas em Portugal, veem de entrar n'uma nova phase motivada pela ultima reforma proteccionista a qual embora, não fosse tão extensa, como seria para desejar, não deixa comtudo de collocar alguns ramos da producção nacional, ao abrigo da concorrência estrangeira.

Infelizmente, porém nós, que de ha muito dormia-mos o sono dos indifferentes, acordamos estremunhados ao receber tal medida e diga-se a verdade, quasi que desarmados para satisfazer as exigencias crescentes do nosso mercado.

Este facto porém, é apenas de caracter transitorio e até peculiar a todas as reformas que tendem a remodelar o viver particular, d'um determinado factor social.

Assim, seja dito por honra nossa, sabemos de muitos industrias que activamente se estão preparando, para em breve poder entregar ao consumo, artigos das suas especialidades e isto em condições vantajosas, não só pela sua perfeição mas tambem pelo barateamento.

Emquanto porém se não conseguir este desideratum, somos forçados a ir buscar aos extranhos os artigos de que temos necessidade e cuja acquisição não só se torna mais difficil, como igualmente bem mais louvavel seria, entregal-os á actividade productiva dos operarios nacionaes.

A nossa classe conhece em geral as difficuldades com que lucha, sempre que recebendo qualquer encomenda, deseja ornamental-a com ferragens que se façam notar pelo gosto primoroso, realce na phantasia e principalmente pela novidade do modelo.

Tudo, absolutamente tudo, desde a ferragem completa para arreo, até á mais infima fivela, escaecia no mercado, quando as procuramos em condições de poder servir; os artefactos de qualidade superior e o pouco que as lojas nos fornecem, raro foi moldado por mãos portuguezas.

Urge que este estado de cousas se modifique e que deixemos para sempre de nos tornar risiveis aos olhos d'aquelles que de fóra nos olham desdenhosamente.

Que os nossos industrias quebrem d'uma vez este marasmo que nos deprime e avilta, redobrando de energia e procurando no exemplo que de longe nos vem, as formas consentaneas com a nossa elevação, para a lucha honrosissima a que o progresso nos chama.

Vae n'isto empenhada não só a nossa propria dignidade, mas, mais do que isto, a estabilidade e o bem estar collectivo que tão ansiosamente devemos procurar.

Mais uma nova applicação do vidro

Bem pouco são as invenções creadas pela intelligencia do homem que tenham produzido resultados, tão extraordinariamente fecundos, como o vidro.

E' com elle, que nos conseguimos abrigar das intemperias das estações, dentro dos nossos lares, recebendo comtudo a claridade que nos vem de fóra.

E' com elle que conseguimos centuplicar os nossos raios visuaes collocando-nos na posse dos mais reconditos segredos da natureza e que nos nossos antepassados, appareciam como mysterios eternamente insondaveis.

Armado do telescopio o homem lança hoje a sua vista atravez o espaço obrigando, como que os astros a descerem e a vir offerecer-se ao seu estudo e á sua observação.

As sciencias naturaes, cujas arrojadas descobertas devem merecer a admiração da humanidade futura, encontraram egualmente no microscopio o seu protentoso auxillar. Machinismo admiravel que uma creança docilmente maneja e que tão generosamente nos abre um mundo novo, ao nosso olhar estupefacto.

Do seu maravilhoso merecimento basta recordar-nos que as grandes enfermidades que durante tempos incommensuraveis, foram o flagello da nossa especie, tem hoje reconhecida a sua origem nos seres infinitamente pequenos que povoam o ambiente que constantemente estamos respirando, e isto, graças ao microscopio.

Nos usos domesticos é tambem o vidro de uma extraordinaria utilidade adaptando-se ás mais diversas necessidades, d'esde o modesto copo por onde bebemos, até ao lustre luxuoso que nos fere o olhar com as suas scintillações.

A sua importancia industrial augmenta de dia para dia e poucos são os paizes, onde o seu fabrico não está estabelecido em grande escala.

Nas industrias as suas applicações são innumeradas, embora relativamente algumas pouco emprego lhe dêem.

Está n'estes casos a correaria que embora durante o periodo faustoso da renascença, n'elle encontrasse um elemento precioso para embelsamento, deixou comtudo de se utilizar do seu emprego.

Mas eis que de novo recomeça a idéa de substituir alguns accessorios, até hoje manufacturados em metal pelo vidro.

E á America que cabe a honra d'este iniciamento e foi um fabricante de New-York, quem ha pouco mais d'um anno o principiou a applicar.

Ao inverso do que acontece entre nós, a idéa foi logo seguida e em muitas cidades da Confederação, torna-se já hoje frequente, o encontrarem-se guarnições magnificas ornadas a vidraria.

Por um processo engenhoso o vidro adere ao couro, por grupos alinhados segundo as combinações suggestivas do artista, dando arreio um bello aspecto tornando-se ao mesmo tempo a sua limpeza extremamente facil.

Não quer isto dizer, que o seu emprego não apresente alguns inconvenientes que nós mesmo reconhecemos. Esta noticia porém, como de resto algumas outras, apresentamos com o intuito de novidade curiosa.

Secção Noticiosa

Vendas de acções.—No Rio de Janeiro, no dia 19 de outubro venderam-se a 7.000 réis acções da *Companhia Brasileira de Calçado*, e no dia 20 a 8.500 réis acções da *Companhia Manufactura de Calçado*.

Abaixo a alliança ingleza.—Assim exclamam, assim o dizem, assim o sentem os verdadeiros patriotas que não esquecem o 11 de janeiro de 1890, e a eterna exploração do paiz pela Gran Bretanha.

Contrabando de calçado.—A bordo do vapor *Ambaca*, que está recebendo carga para a Africa Occidental, foi apprehendida grande quantidade de flanelas, calçado, polvora, tabaco e cartuchame, o que tudo foi enviado para a alfandega, pagando os transgressores de multa a quantia de 1:709.000 réis.

Eis como em Loanda e outras terras da nossa Africa se introduzem, zombando da pauta, grandes porções de fazendas inglezas, com prejuizo do Estado e da industria nacional. Este vapor *Ambaca*, tinha começado o seu carregamento em Liverpool n'esta viagem para a Africa.

Depois d'esta já se verificou segunda apprehensão de mais 51 volumes a bordo do mesmo vapor!

Manifestação do commercio.—Segundo resolução tomada na *Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa*, em sessão de 16 do corrente, no momento em que a esquadra ingleza salvar na sua entrada no Tejo os estabelecimentos fecharão por 24 horas meia porta.

FABRICA DE CORTUMES ESPERANÇA

DE

Benitez, Loureiro, Centeno & Coelho

Officinas movidas a vapor e processo electrico

Ribeira d'Alcantara—VILLA POUCA

LISBOA—Escriptorio—Rua dos Douradores, 41, 43

MARCA REGISTRADA

Unicos socios: — Fermino Benitez Lopez, Ricardo Loureiro, Domingo B. Centeno, Ernesto Coelho

Fabricação especial de vitellas pretas (imitação do veau-ciré)

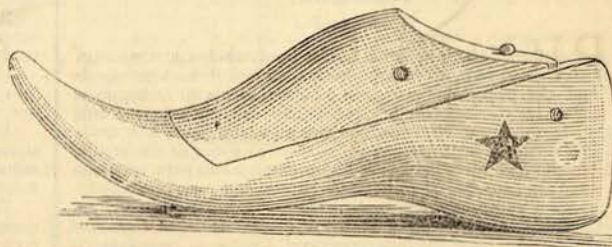
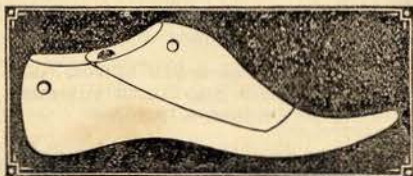
Vitellas brancas—Couros de todas as qualidades e peles miudadas

Correias de transmissão de todas as larguras dobradas ou singelas e atilhos

UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMÃS

240—RUA DOS FANQUEIROS—242

João Ignacio Romão



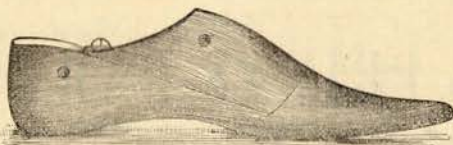
3

JACINTHO J. RIBEIRO

GRANDE DEPOSITO DE ARTIGOS PARA CALÇADO

Lisboa — 194, Rua dos Fanqueiros, 200 — Lisboa

Pelleria de côr
em todas as qualidades
para
calçado de verão



Sortimento colossal
de FORMAS
de todos os modelos
e tamanhos

Tem sempre avultado sortimento de fazendas da sua especialidade que recebe directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

4

Fabrica a vapor de Alpargatas

Gonzalez & Tejedor

7—RUA DO BOM SUCCESO—7
LISBOA—BELEM

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos, para uso da rua, de casa e de banho.
Deposito em Lisboa na rua d'Alfandega, 114, casa Veiga & C.ª

5

MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS

Bezéros pellicas e pretos engraxados

GASQUIEL—DONZEL

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris

30, rue de Rambuteau

Representado por DIEGO ARACIL

31, MAGDALENA = MADRID

6

P. PLANAS

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiales para la fabricacion de calzado
Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedad Científica Europea, de Bruselas
Premiado con medalla de oro
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portugueses, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales de España y Sud-America.

Envio de catálogos detallados segun demanda

DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS

PARA SAPATEIROS E CORREEIROS

DE

RICARDO DIAS & C.ª

159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.ª

LISBOA

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

Vendas por grosso

7

MACHINA

Vende-se uma machina de cozer solas, do autor Black, a qual ainda não foi usada.

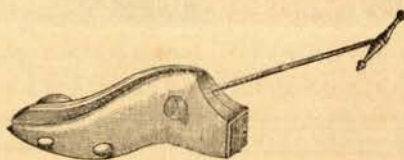
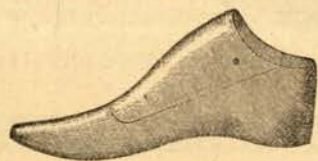
Quem a pretender, dirija-se á Sapataria Viziense de Cadete e Irmão.

VIZEU

8

F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO
DE
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67
LISBOA

9

PÓ DINAMARQUEZ

Para tinta de sapateiros e surradores já experimentado com aprovação
por muitos fabricantes de calçado em Lisboa e Porto

50 grammas em meio litro de agua a ferver produz tinta preta para immediata
applicação em sola e pelles, tanto pelo lado do carnaz como pela flôr.
Vende-se em saquinhos de papel de 10 grammas a 40 rs. Em porções de um kilo
para mais se faz abatimento.

Agentes em Portugal — GOMES & FILHOS

LISBOA — 190, Rua dos Fanqueiros, 192

10

JOÃO VERISSIMO PEREIRA

181, R. Direita de Oeiras, 181

OFFICINA
DE

Sapatos de trança

Preços por duzia sem desconta
para mulher n.º 1 a 5, 4.700
réis, para homem n.º 6 a 11,
4.800 réis.

11

LOJA DE FERRAGENS

16, RUA DO AMPARO, 16 — LISBOA

N'este estabelecimento encontra a sapataria um abundante sortimento de varios artigos de seu consumo, taes como **prego, carda e broxas, das melhores fabricas; fio, cerdas, botões, etc.** As melhores ferramentas do officio, como **torquezes, facas, grozas, buxetes, etc.** Encontra-se n'esta casa os **ferros de caixa e as caixas de esporas**, dos melhores fabricantes da actualidade. Todas as encommendas por atacado teem desconto e as de mil kilos para cima, enviam-se pelos caminhos de ferro com transporte gratis — as de 500 kilos pagam só metade do transporte. Vende-se a **gommalina** que substitue com grande vantagem a colla ou massa anteriormente empregada no officio.

12

Pedidos dirigidos a ANTONIO PAES BAETA